

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistado: André Candido Teixeira

Comunidade Vai Lavando, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Abril, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. *Jequitinhonha: cultura e talento em abundância* – Entrevista de André Candido Teixeira. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

Jequitinhonha: cultura e talento em abundância

Cada comunidade quilombola é recheada de histórias centenárias. Vai Lavando não foge disso e preserva com orgulho muitas tradições e lembranças. Nesse relato, quem nos conta um pouco da região é André Candido Teixeira, morador desde nascença de Vai Lavando, assim como seus pais e avós. Andrezinho, como é popularmente conhecido, lembra das danças típicas e manifestações culturais, algumas ainda preservadas, e outras que só encontram lugar na memória.

Ele também relata como os ex-escravos chegaram ali, fugidos da escravidão, e como resistiram à tirania dos homens brancos de então. Acredita-se que a comunidade começou a se formar antes mesmo da libertação dos escravos, em 1888. Relatos dos mais antigos levam os moradores a essa conclusão. Andrezinho exalta a retomada da memória, depois de insistentes trabalhos de conscientização, resgatando manifestações culturais que tinham sido esquecidas, como a Dança do Beira Mar e a Dança do Marinheiro.

Meu nome é André, no popular é Andrezinho. Minha comunidade é Vai Lavando, que vem dos escravos, estou com 51 anos. Estou aqui desde que nasci e aqui permaneço.

Qual é a origem do nome Vai Lavando?

A origem vem dos escravos. Porque com o garimpo, eles lavavam o cascalho, e vai faiscando no bater. Daí um escravo perguntou para outro assim: “está achando ouro aí?”. O outro respondeu: “ainda não”. O primeiro disse “então, vai lavando, vai lavando”. E aí ficou o nome Vai Lavando.

O senhor nasceu aqui? E seus pais?

Eu nasci aqui, meus pais e também meus avós. E aí vem vindo a tradição familiar.

E a história da sua família com relação aos escravos? Tem algum ex-escravo na sua família, o senhor sabe disso?

Não sei ao certo, mas vem na descendência. Porque se fez uma mistura de raças, de escravos com brancos.

O que o senhor tem de lembrança de seus avós, que contavam dessa época?

A lembrança que eu tenho é de um vizinho chamado Camilo Mendes, e eu lembro dele contando assim que presenciou os escravos trazendo água de lá de cima para lavar o cascalho aqui na nossa comunidade. As marcas são visíveis aqui nas nossas terras. Eles traziam água por gravidade.

Tinha muito ouro aqui?

Tinha muito ouro, muito ouro, toneladas de ouro que eles exportavam para fora, para Portugal. Segundo os mais velhos contam, era muito ouro.

E as famílias daqui tiravam muito ouro?

Muito pouco, porque foi muito explorado, e para os escravos acabou ficando pouco ouro. Desse pouquinho o pessoal foi tirando, foi tirando e hoje em dia é difícil encontrar ouro. Pode encontrar, mas é difícil.

Vocês têm ideia de quanto tempo tem a comunidade?

Em relação aos escravos?

Em relação aos escravos.

Eu acredito que isso foi mais ou menos em 1887, antes da Lei Áurea, mais ou menos por aí. Eu julgo que foi assim pelo que os mais velhos contam. Quantos anos tem é difícil saber.

E os escravos que vieram para cá, eles eram escravos quando vieram para cá, ou eles vieram saídos de algum lugar e vieram para cá libertos já?

Exatamente isso, nós vamos chegar nesse ponto. A cidade de Minas Novas, a 40 quilômetros daqui, era um quilombo. E para fugir do sofrimento, os escravos fugiam em grupo e se aglomeravam em algum lugar, para se refugiar e ter a liberdade. Esse foi o caso de nossa comunidade. Um grupo veio, acampou, formou como uma colônia, só que

foram descobertos e o capitão do mato vinha atrás. Houve reação dos escravos, houve confronto, houve briga, os brancos mataram muitos negros. Vocês vão ver que nossa comunidade é branca, tem mais branco que negro.

Com esse confronto houve muito sofrimento, muita tortura, muito espancamento, e aqueles que sobreviveram foram sofrendo com trabalho escravo. Continuava o trabalho escravo, garimpando aqui na região, trazendo água lá de perto de Lelivéldia, uma cidade que daqui lá tem 11 quilômetros, trazendo água pela gravidade para poder lavar o ouro aí. Foi daí que surgiu o nome de Vai Lavando, como já comentei.

Mas eles continuaram escravos, só que aqui?

Continuaram escravos aqui, mas o ouro que achava era exportado.

E esses primeiros escravos aqui da região, os que não morreram, o senhor sabe quem eram as pessoas, o nome deles?

Não sei não. Nem os mais velhos sabem dizer o nome ou quem eram. Um senhor que morreu há pouco tempo, nome de Camilo Mendes, ele presenciou o povo abrindo o rio para trazer a água. Quando tinha uma árvore muito forte, juntava a negrada toda até conseguir arrancar a árvore para poder passar a água. O nome de cada um é difícil saber.

Ele morreu agora?

Acho que há uns sete anos atrás.

Com quantos anos?

Noventa e alguma coisa.

E quais as principais dificuldades que vocês têm aqui?

A principal dificuldade que a gente sempre teve aqui é água para beber, para banhar, para fazer irrigação, sempre foi isso. O difícil acesso com os poderes públicos, porque sempre os grandões abafam, querem encobrir a gente. Tem sempre aquela dificuldade de conseguir aquilo que a gente quer.

Tem escola aqui?

Tem.

Quantas famílias tem aqui?

Cento e trinta famílias.

Então quer dizer que é uma comunidade misturada?

Sim, mas a maioria são brancos.

E índio não teve?

Teve, mas há muitos anos e a gente não sabe contar a história.

Falando um pouco da memória e da cultura da comunidade. Você tem lembrança sobre dança, festa, música por aqui?

Tenho sim. Inclusive quando eu era criança, lá pelos 8 ou dez anos, tinha a Dança do Batuque¹, que é bem tradicional aqui. Essa era a dança forte de nossa região, e o pessoal dançava a noite inteirinha. Às vezes, quando era na outra noite, começava novamente. A dança só parava um pouquinho, para tomar uma cachacinha. Era uma violinha dessas de tarraxo, não era nem como essas que tem hoje, de madeira, além de um prato raspando no outro. Aí era a noite toda, isso aí eu presenciei.

Em que situações que acontecia esse batuque?

Nas festas juninas, de São João, São Pedro, Santo Antônio. Às vezes num sábado, final de semana, quando estava todo mundo. Às vezes fazia colheita, estava todo mundo contente e aí comemorava com batuque a noite toda.

E vocês tem uma preocupação de manter essa cultura, as danças e as músicas?

¹ De origem africana, o batuque costuma ter como principais características as palmas e o sapateado, acompanhados ou não de canto. No Brasil o termo é mais comum para apontar ritmos marcados por vigorosa percussão. Típico de comunidades quilombolas, principalmente no norte de Minas Gerais, as variações de coreografias e acompanhamentos variam de região para região. Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Cultura/Pagina.aspx?cod_pgi=3151

Temos sim, é o que a gente vem lutando. Mas é difícil a gente conseguir aquilo que a gente quer pelos maiores, pessoas do poder público, que não dão muito valor. Essas tradições vão caindo, caindo. Mas o nosso desejo é resgatar e valorizar.

Mas tem algum projeto que vocês já tentaram fazer, como juntar as crianças, os mais jovens?

Sim, já tentamos pela entidade de ARAI, Associação Rural de Assistência à Infância, que tem aqui na cidade de Berilo, que é a entidade que mais valoriza isso. Mas a entidade só traz gente de fora para ver, para assistir. Às vezes filma e vai embora, e a gente não tem um retorno disso. Não tem um fundo para poder crescer e assim vai ficando. Inclusive, a gente tinha um grupo grande de batuque, uma parte já dispersou, porque viaja, vai embora, casam e vão desanimando com a situação e aí vai morrendo a cultura. Mas o interesse da gente é segurar, manter isso.

Mas você tem uma ideia de quem poderia continuar isso? Se vocês pudessem pedir recurso para quem vem de fora, o que vocês gostariam de fazer, tem um grupo que poderia trabalhar com os mais jovens?

Sim. Como eu já conversei com o pessoal da Secretaria de Cultura. Mas nem vir aqui eles vêm. Um lugar onde a gente poderia buscar apoio é nessa área de cultura. Daí o pessoal daqui vai desanimando, vai saindo fora. Mas fica aquele desejo no fundo. A gente fica até aborrecido de ver aquela cultura morrendo. Se tivesse alguma pessoa que orientasse a gente, ajudasse a gente a crescer nessa área, uma pessoa que tivesse mais conhecimento...

Quando perguntamos de memória você falou que lembrava do batuque, mas o batuque ainda acontece?

Acontece, mas assim, quando vem o pessoal visitar. Não é uma coisa constante como antigamente. Quando tem eventos na casa de cultura, a gente forma o grupo e faz a dança.

E além do batuque, tem outras manifestações?

Tem cantiga de roda, que era muito comum no meu tempo de criança. Tem a Dança do Beira Mar, que a gente ainda faz quando tem visita. Tem a Dança do Marinheiro.

Como é a Dança do Beira Mar?

Beira Mar é batendo com as mãos. Você canta, vai dançando e batendo as mãos.

E só canta ou tem instrumento acompanhando?

Com instrumentos acompanhando, violão, pandeiro. Tem a dança do Marinheiro, um grupo vai de encontro com o outro, vai e volta. Vai cantando e dançando, indo e voltando, é muito bonita. Tem a Dança do Vilão, mas não é tradicional de nossa comunidade, é da comunidade vizinha, de Tabuleiro, uma dança muito bonita também.

Essas danças são da época de seus avós, eles dançavam?

Isso, eles dançavam. A única diversão que tinha era isso, dançar Batuque, dançar Vilão, Cantiga de Roda, Beira Mar. Naquela época não tinha televisão, nem rádio.

E eles passaram para os filhos deles, que são seus pais?

Isso. E eu, na minha idade, quando era criança entrava no meio, meio que não sabia direito, mas já entrava no meio e dançava também.

E vocês para seus filhos?

Nós estamos tentando passar. Inclusive eles gostam mais de tocar, chega lá pega o instrumento e toca, mas já não é muito de dançar, como os mais velhos. Mas hoje em dia tem tanta dança diferente, eu não gosto. Eu gosto de uma coisa bem natural, esses negócios de funk, essas coisas, não desfaço, mas não gosto.

Porque o senhor acha que eles não estão mais interessados?

Por conta da televisão, onde eles vêem essas danças diferentes. Também a internet, onde eles descobrem coisas diferentes. Eles acham que são coisas que ficaram no passado, na cabeça deles eles pensam assim, que ficou algo no passado. Mas para mim, para nós, não é. É uma coisa que a gente quer manter viva essa chama.

As escolas locais passam as histórias da própria comunidade para as crianças?

Quando a gente cobra, passa. Mas a gente precisa cobrar dos professores.

Nas escolas locais, vocês têm alguma coisa voltada para a educação quilombola, especificamente sobre a história?

Tem. Inclusive a merenda escolar hoje vem do projeto quilombola. Às vezes a professora faz aquela dancinha de roda com as crianças. A gente está sempre cobrando para não deixar isso morrer.

E essas professoras são quilombolas ou elas vêm de fora?

Às vezes vêm de fora, mas chega no meio da gente e vamos cativando.

Então, esse conceito de quilombola nas escolas, eles trabalham com isso?

Trabalham, porque a gente cobra. Foi em 2005 quando chegou o projeto quilombolas aqui, aí eu comecei a divulgar nas escolas. “Olha, trabalhem isso”, falando aos professores para passarem às crianças. Inclusive, me chamavam para dar depoimento, em entrevistas, com as crianças. Não só na nossa comunidade, mas também nas cidades, Berilo, Lelivéldia, escolas vizinhas.

O que é o projeto quilombola, é um projeto de quem?

Pelo que eu sei, foi um projeto do governo, levantar uma coisa que estava escondida, para valorizar e a gente poder cobrar esse direito. Não estou certo se é isso mesmo, mas eu penso assim.

Mas é da Fundação Palmares?

Isso, da Fundação Palmares.

E quando que veio para cá esse projeto?

Em 2005.

De lá para cá, o que o senhor acha que acrescentou para vocês, ou não acrescentou em nada?

Acrescentou, sim, a cultura que estava praticamente morta, conseguiu resgatar. Não como a gente quer, mas um pouco. Nas escolas, por exemplo, a merenda, que, às vezes, não vinha, agora vem com mais frequência. A valorização do negro. Porque tinha uma discriminação de negro aqui que Deus me livre. Para eu implantar esse projeto quilombola aqui em Berilo tive uma dificuldade tremenda. Quando chegou o agente federal aqui com trabalho social, o pessoal da cidade, “ah, que que é isso, aqui não tem negócio de negro não, não teve negócio de escravo não”. E eu disse: “gente, eu sou negro, como não tem negro em Berilo, eu sou negro. Os escravos estiveram aqui, eu tenho marca lá no meu terreno que eles estiveram aqui. Tem até um lugar para eles garimparem lá, eu posso mostrar para qualquer um. Como que não teve isso aqui?”. Aí, baixaram a crista e o projeto expandiu. Aí encontrei com a Sanete, uma guerreira, que abraçou esse projeto comigo, e aí o projeto expandiu. Mas a gente quer que expanda mais.

Berilo é o município em Minas Gerais com o maior número de quilombolas. Mesmo assim, o senhor teve toda essa dificuldade. A população branca aqui é pequena ou grande?

É grande. Só que na nossa comunidade aqui, Vai Lavando, os negros são minoria. Mas em questão de município os negros são em número bem maior. Veja, Caititu do Meio, Vila Santo Isidoro, a Comunidade Quilombola, são muitos negros.

E depois que o senhor começou esse trabalho, com essa conscientização de que aqui tinha muitos escravos, as pessoas começaram a aceitar ou até hoje têm resistência?

Hoje já não tem resistência, porque reunimos um grupo grande, até com pessoas de outras cidades, por exemplo, de Minas Novas. Já veio gente nos apoiar, pessoal de Belo Horizonte vem apoiando a gente. Aí o pessoal viu que não tinha como segurar, que estava uma coisa bem clara, para todo mundo ver. Começaram a visitar os pontos onde os escravos tiveram. Aí baixou a crista né?.

E com relação à religião no tempo dos escravos, vocês sabem que religião eles tinham e se as comunidades, por exemplo, Vai Lavando, mantém essa cultura religiosa?

Sim, sim. Eram católicos, rezavam o terço, o rosário, que eles falam, tinha o ofício. Inclusive na nossa comunidade não tinha outra religião, era só católica. Mas por volta de uns 30 anos começaram a aparecer outras religiões, e hoje já tem um número muito grande de outras religiões, Assembleia de Deus, Cristã do Brasil, espírita.

Em relação à alimentação, sobre os alimentos que eles faziam lá atrás e o que vocês conseguem manter até hoje. O senhor lembra o que era e o que até hoje está mantido?

A feijoada, o bolo que chamam de Cabo de Machado, bolo que é feito de fubá de milho, com batata, assado na folha de bananeira. Isso aí é tradicional, até hoje tem. A feijoada, que é uma comida dos escravos.

A feijoada que o senhor fala é de feijão marrom?

Não, preto e com toucinho. Porque hoje em dia faz feijoada com linguiça, mistura um monte de coisa. Mas a feijoada dos escravos era feijão preto com toucinho. Tinha também o café tropeiro, que não era coado no coador, eles misturavam ali na água e tomavam com rapadura, não tinha esse açúcar refinado.

O que você acha que tem de mais rico, o que tem maior valor aqui na Comunidade de Vai Lavando?

Você diz de cultura?

De uma forma geral, qual a riqueza maior que vocês têm aqui?

Pensando em pessoas é a amizade, o entrosamento, a harmonia, todo mundo conhece todo mundo, todo mundo confia em todo mundo. Mesmo que a pessoa seja pobre, não tenha recurso, não tenha dinheiro, ela não pega numa arma para assaltar os outros, como a gente vê na televisão. E a acessibilidade das pessoas. Por exemplo, se tem uma pessoa necessitando, vamos todos nos unir para ajudar. Um dá um arroz, outro açúcar, ou café, e por aí vai. Isso com relação a convivência. Mas em relação a cultura, tem as danças, como a do Batuque, por exemplo.

As pessoas aqui têm noção de que são quilombolas, que são descendentes dos escravos?

A maioria tem, mas uns ainda não sabem definir o que é quilombola, por mais que a gente fale. Parece que eles não querem muito entrar no assunto, sei lá, ignoram, respeitam, mas não quer se envolver.

E as festas, quais são?

Tem a festa da comunidade, que é a festa de Santa Luzia², em 13 de dezembro. Em junho tem as festas de São João, São Pedro e Santo Antônio, mas é uma tradição que está acabando, morrendo, porque o pessoal vai mudando de religião e vai desprezando essas coisas. Mas é uma coisa que ainda tem, faz uma fogueira para o dia de cada um desses santos, mas não é forte como antes. Como eu disse para vocês, tinha a Dança do Batuque a noite toda. Inclusive o pai da minha esposa fazia essa Dança de Batuque quase todo sábado e a noite toda. Cachaça, café e batuque.

A festa de Santa Luzia, como é a comemoração dela?

Tem a procissão da bandeira, depois a missa, depois comes e bebes, e depois o forró com artistas da região ou artistas de fora, e vai a noite toda.

Os jovens estão indo muito para São Paulo para trabalhar, ou ficam aqui?

Vão muito, muito. Ou para São Paulo, ou para o sul de Minas para a colheita do café. Vai surgindo emprego em outras cidades e eles vão saindo. Uma das questões que estamos tendo dificuldade é essa, ninguém consegue segurar isso, porque não conseguem dar emprego para ninguém, então tem que deixar ir. Essa é uma das razões que nossas tradições vão caindo. As mocinhas estudam, aparece emprego bom em outra cidade, vão para lá. Os meninos estudando, e, depois, “ah, vou parar o estudo porque vou para o café”, vai para o sul de Minas. Chega lá, às vezes gosta, e vai para outro emprego. Inclusive, nessa época, já começa o pessoal sair; em abril, maio o pessoal já está saindo.

E para plantar aqui, a terra é boa?

² Festa de origem católica celebrada no dia 13 de dezembro. Originada na Escandinávia, a festa exalta a santa que é considerada a protetora da visão, com missas, novena e procissão. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Luzia_\(festa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Luzia_(festa))

A terra é boa, mas tem a questão do clima, do tempo. Porque na época de meu pai, meus avós, a gente plantava feijão, milho, arroz, mandioca, plantava de tudo. A gente comia daquilo que a gente produzia. Aí depois veio caindo, caindo, parece que o tempo foi mudando, hoje está mudando o clima, e raramente você vê uma lavourinha que alguém planta. Porque às vezes planta e não colhe. E tudo que a gente precisa é comprado no supermercado.

E vocês vivem de que aqui?

Por exemplo, eu faço um bico de pedreiro, ou roçando uma manga, tem um plantio de abacaxi na cidade vizinha aqui de Capão, o pessoal vai para lá trabalhar... Vai levando assim.

Tem assistência do bolsa família aqui?

Bolsa família também tem.

Todo mundo tem bolsa família aqui?

Não são todos, mas a maior parte sim.

Mas tem alguém que deveria estar recebendo e não recebe?

Acredito que sim, mas a gente precisava fazer um levantamento, mas com certeza tem.

O senhor é presidente da associação?

Não, não sou. Eu fui o fundador e presidente para poder organizar ela e depois passei para os outros.

Como chama a associação?

Associação Comunitária Vai Lavando.

Mas é uma associação quilombola?

Isso, quilombola.

E hoje quem é que dirige?

No momento o presidente é o Santos Quirino da Silva, mas que já está vencendo o mandato.

E o senhor tem algum cargo na associação?

Não tenho.

O senhor fundou a associação e tem esse trabalho bem forte aqui na comunidade. Se pudesse mandar um recado como se fosse para a sociedade escutar, em relação a vocês, as histórias de vocês, o que o senhor diria?

É tanta coisa que a gente quer falar que fica até meio perdido. Mas que olhassem mais para o Vale do Jequitinhonha, que chamam de vale da miséria. Aqui não é vale da miséria, é sim vale dos injustiçados. Eu falo abertamente, não tenho medo de falar. Eu digo que é o vale dos injustiçados porque você vê outros lugares todos se desenvolvendo. Aqui já veio gente de Belo Horizonte, São Paulo, Estados Unidos, Bolívia, México, vem todo mundo ver a cultura da gente, mas não dão retorno. Não é só na questão de cultura, é em todos os aspectos.

Eu queria que as autoridades, em quem a gente vota no período das eleições, olhassem para a gente com mais carinho, com mais respeito. Por que vale da miséria? Um lugar cheio de talento, cheio de cultura e não é valorizado. Vocês desculpem que eu fico indignado quando começo a falar nisso. A gente pensou que ia ter um retorno, mas não teve nada até hoje. O pessoal busca talento no Brasil inteiro, até no exterior e não busca o Vale do Jequitinhonha, com tanto talento que tem aqui. Lugar de homem trabalhador, pessoas trabalhadoras, pessoas que querem ver o Brasil crescer, mas não têm valor. Fica desvalorizado.

Quando é época de política acham a casa da gente. Quando é época de política fica tudo doido por aqui, “você tem que me apoiar, porque vou fazer isso, fazer aquilo”, e depois acaba. Então acho que é hora de começarem a olhar para o Vale do Jequitinhonha com mais respeito, com mais carinho. Olhar esse rosto suado e queimado de sol que o trabalhador do Vale do Jequitinhonha tem, e respeitar mais um pouco. Tratar com mais respeito, procurar trazer mais recurso, ver que a gente luta, forma associações.

Quando a gente vai correr atrás, colocam uma dificuldade para a gente, vendo que tem coisas que para gente é difícil, mas para eles são fáceis; colocam uma dificuldade para gente. Inclusive aqui na nossa cidade, em Berilo mesmo, tem dificuldade para coisas fáceis de resolver. Enrolam, enrolam a gente passando de um para o outro. Acho que é hora de olhar a gente com mais respeito, porque o pessoal da área rural respeita o pessoal da cidade, e a gente quer ser respeitado também.

Os escravos traziam água lá de perto da cidade vizinha, Lelivéldia, a uns nove quilômetros, mais ou menos daqui, e vinham com o rio por aqui, atravessava. Eles vinham cavando, cavando, acompanhando a água. Onde dava gravidade eles iam cavando. Pode notar aqui que fez uma curva. Onde dava para a água passar eles iam cavando. E isso foi até nossa vila, em Vai Lavando, vindo lá de trás, de Lelivéldia. Vinha de lá e jogava na nossa comunidade onde tinha um ponto de garimpo.

Tem alguma historia que você poderia lembrar dos antepassados?

Quando os escravos saíram do quilombo lá em Minas Novas, eles aglomeraram nessa área aqui ó, nessa baixada aqui. Moraram um tempo aqui, mas o capitão do mato veio, vocês vêem que o ponto aqui é estratégico, esses altos aqui eles observavam se o capitão do mato estava vindo. Mas um dia o capitão do mato veio e pegou, e aí deu confronto, enfrentaram os brancos. Só que os brancos mataram mais os negros, houve tortura, muito sofrimento. Inclusive até nos dias de hoje, tem pessoas que ainda vêem vultos, dizem que é devido ao sofrimento deles, os gemidos agonizantes. A gente já viu, já ouviu vulto. Eu falo que já ouvi, antes de ter essas casas aqui, eu vi vulto ali, ouvi gemido de como alguém sofrendo muito, como se a pessoa tivesse amarrada e apanhando muito. Isso eu falo porque eu vi. (alguém fala ao fundo, bem baixinho). Pois é, ela está confirmando aí que pessoas já viram negros andando aí, é isso aí.

Aqui é o lugar onde originou a comunidade de vocês?

É onde originou, eles moraram aqui. Inclusive disse que aqui tinha muito buraco, aterro para poder fazer as moradias deles.